

EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES (AS) DE HISTÓRIA: uma prática extensionista

Waldeci Ferreira Chagas - UEPB

O fazer e refazer da prática pedagógica e a formação do Professor/a de História

A obrigatoriedade de professores/as da escola da educação básica incluírem no currículo escolar os conteúdos de história e cultura afro-brasileira e africana também incidu sobre o fazer acadêmico e pedagógico de professores/as nas universidades, sobretudo, porque essa instituição é a principal responsável pela formação dos/as que atuam nessa escola.

As discussões sobre os conteúdos de história e cultura afro-brasileira e africana no currículo escolar e a educação para as relações étnico-raciais não são novas, porém a partir de 2003, ganharam folego e espaço nas escolas e universidades, e, sobretudo, nos cursos de licenciaturas, espaço por excelência de formação docente.

Os resultados das discussões empreendidas têm sido profícuos, visto que de início proporcionaram aos cursos de licenciatura à revisão dos Projetos Pedagógicos, principalmente nos cursos de História, Letras e Pedagogia. Os debates resultaram na inclusão de componentes curriculares com conteúdos pertinentes à história e cultura afro-brasileira e africana e a educação das relações étnico-raciais nos currículos de tais cursos.

Todavia, a efetivação da educação das relações étnico-raciais é muito mais do que a inclusão de componentes curriculares nos cursos de licenciatura e de conteúdos no currículo da escola da educação básica. A efetivação de fato dessa modalidade de educação passa pela mudança dos paradigmas com que os docentes trabalham, e fundamentam seu fazer pedagógico, o que incide na valorização das pessoas negras, suas histórias e culturas. Isso representa muito mais do que incluí-las no currículo escolar e na prática docente. Ou seja, é muito mais do que incluir conteúdos numa ou noutra área do conhecimento. Exige do corpo docente mudança no olhar sobre as pessoas negras, de modo que as experiências de vida e práticas culturais destes sejam respeitadas nas universidades e escolas, haja vista elas serem carregadas de saberes que nem sempre estão contemplados no currículo dos cursos e no fazer dos docentes e estudantes da escola da educação básica.

A presença do componente História da África no currículo do curso de História e Literatura Afro-brasileira e Literatura Africana de Expressão Portuguesa no Curso de Letras estão em consonância com a lei 10.639/003 e com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Etnico-raciais e o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana, e se constitui numa oportunidade de os estudantes desses cursos, na condição de cidadãos e futuros professores (as) pensarem a história e a cultura da humanidade a partir dos valores civilizatórios dos africanos, o que ultrapassa a abordagem eurocêntrica, e a hierarquização dos conteúdos, onde a Europa é concebida como civilização superior, e os africanos são apontados como incivilizados.

A presença de tais componentes significa dizer que nos cursos de História e Letras das universidades à educação das relações étnico-raciais é uma realidade? Nem tanto. Também não significa dizer que os estudantes desses cursos não tenham conhecimento sobre essa questão. Eles têm acesso aos conteúdos que apontam para a educação das relações étnico-raciais. Porém não o suficiente para afirmarmos que essa perspectiva de educação seja realidade. Isso porque em apenas um componente curricular no curso de História e em dois componentes no curso de Letras e Pedagogia a história e a cultura da

humanidade são pensadas a partir da experiência civilizatória dos africanos. Em contrapartida a isso, os demais componentes curricular ainda seguem o paradigma europeu, o que faz com que os cursos de História e Letras, ainda sejam extremamente eurocêntricos.

Com isso, não defendemos a substituição do paradigma europeu pelo africano. Todavia, consideramos necessária a existência de ambos. A questão está no fato de que seja possibilitada aos/as professores/as e estudantes a oportunidade deles pensarem a história e a cultura da humanidade, assim como produzirem ciência a partir de outros paradigmas, que não seja apenas o dos europeus. Afinal, os africanos também são relevantes no processo de construção e compreensão da história e da cultura humana.

Nesse sentido, incluir um ou mais componente no currículo dos Cursos de Licenciatura em História, Letras e Pedagogia não resolve o problema do eurocentrismo no ensino e na formação docente, visto que o restante do currículo e as práticas nele desenvolvidas permanecem fiéis a essa perspectiva de história e cultura.

Logo, a responsabilidade de mudança no paradigma de se pensar a educação não pode ser unicamente atribuição dos (as) professores (as) que lidam com os componentes de História da África, Literatura Afro-brasileira, Literatura Africana, e Educação de Afro-descendentes, sobretudo, porque a história e a cultura dos demais continentes, a exemplo da Europa, Ásia e América estão entrelaçadas a história da África e dos africanos. Afinal, tudo começou na África. Todavia, resta saber se com apenas três componentes curriculares, sendo um no curso de História e dois no curso de Letras e dois no curso de Pedagogia será possível formar professores (as) na perspectiva da educação das relações étnico-raciais? Acreditamos que não. Por isso, pensamos as atividades extensionistas como relevantes a formação docente na perspectiva da educação das relações étnico-raciais.

Também como parte desse processo grupos de professores/as em diversas universidades passaram a criar grupos de pesquisas e estudos sobre as temáticas afro-brasileiras e a educação para as relações étnico-raciais. Como parte dessa realidade professores/as passaram a desenvolver projetos de pesquisa e extensão e a realizar eventos científicos com conteúdos relativos a tais temáticas.

Imersa no debate e discussão que passou a ser mais evidente na sociedade brasileira a partir de 2003, estão às escolas da educação básica. Assim como nas universidades, nessas escolas o debate acerca da história e cultura afro-brasileira e africana, e a educação para as relações étnico-raciais estão postos, no entanto, isso não quer dizer que estejam na prática pedagógica de professores/as em sala de aula.

Como os conteúdos de história e cultura afro-brasileira e africana têm chegado às escolas? Como professores/as têm trabalhado tais conteúdos? Pensar sobre estas questões é importante, sobretudo, porque as práticas de professores/as nas escolas da educação básica nem sempre estão diretamente relacionada com o fazer das universidades. A formação que as universidades hoje proporcionam aos/as professores/as talvez não seja a necessária, mas é a possível ou a que no momento se consegue fazer, uma vez que professores/as universitários/as também estão refazendo-se frente às demandas estabelecidas pela lei 10.639/003.

No exercício de professores/as fazer e refazer suas práticas, as universidades têm ampliado o diálogo com as escolas da educação básica, e a essas instituições tem chegado os conhecimentos elaborados e sistematizados nas universidades, uma vez que:

As funções da universidade no senso comum, quais sejam, a produção do conhecimento e a formação de recursos humanos qualificados, não se consubstanciam no vácuo, mas em relação com a sociedade; ambas, sociedade e universidade, constituindo-se permanentemente nesta

relação. Estas funções caracterizam a Universidade como o “lócus” permanente de reflexão e crítica acerca dos diferentes processos societários. Este espaço de reflexão e crítica precisa ser necessariamente, um espaço plural e democrático, espaço que *deve* pressupor a valorização do fazer em sua relação com o saber (OLIVEIRA, 2004).

Como a extensão é o canal de comunicação entre universidade e sociedade, no campo da educação o foco são por excelência as escolas da educação básica. sobretudo, porque as ações extensionistas desenvolvidas pelas universidades tem possibilitado que a sociedade através das escolas da educação básica tenha acesso de forma mais rápida aos conhecimentos elaborados nas universidades.

Desta feita o nosso propósito neste texto é analisarmos os resultados do Projeto de Extensão “**Coisas de negros (as), Coisas de brasileiros (as)**” desenvolvido pela Universidade Estadual da Paraíba, Campus Guarabira junto a professores/as e estudantes da educação básica nas cidades de Alagoa Grande e Guarabira, no estado da Paraíba, durante o período de agosto de 2013 a agosto de 2014.

A perspectiva do projeto foi a de possibilitar a comunidade escolar vivências e práticas relacionadas à educação para as relações étnico-raciais. No projeto também foram incluídos estudantes do Curso de Graduação em História na perspectiva de que ampliem os horizontes com relação à história e cultura afro-brasileira e africana, e assim sejam capazes de quando assumirem a sala de aula de efetivar a educação para as relações étnico-raciais.

Propomos tal ação extensionista aos estudantes de História, porque ao longo da formação do Professor/a, a História da África é o único componente curricular onde a temática étnico-racial é discutida. Portanto, essa ação se constituiu na possibilidade de os estudantes de História dar continuidade ao que fora iniciado em sala de aula no componente História da África numa relação recíproca entre ensino, pesquisa e extensão.

Da universidade para a escola da educação básica: os conteúdos de história e cultura afro-brasileira e africana a ação extensionista

O Projeto de Extensão: Coisas de Negros/as, Coisas de brasileiros/as teve início em agosto de 2013 com a realização de 02 encontros pedagógicos, um encontro foi realizado na Escola Normal na cidade de Alagoa Grande com estudantes e professores/as dessa instituição e outro na Universidade Estadual da Paraíba, em Guarabira com os estudantes do Curso de História integrantes do projeto. Nos encontros discutimos sobre as expectativas, imagens, impressões e abordagens acerca dos conteúdos de história e cultura afro-brasileira e africana e metodologias de sua inserção no currículo escolar.

Também foram apresentados, discutidos e compartilhados recursos e materiais didáticos pertinentes à história e cultura afro-brasileira e africana, tais como: letras de músicas, filmes, obras literárias, livros didáticos, paradidáticos e uma produção acadêmica específica. Tais recursos e materiais distribuídos subsidiaram professores (as) e estudantes da graduação no planejamento das ações e definição dos conteúdos de história e cultura afro-brasileira e africana a serem trabalhados.

Depois dos dois encontros definimos que as ações a serem executadas nas escolas seriam através de oficinas; decidimos então pela oficina de música; aproveitamos assim as experiências que os estudantes de História haviam vivenciado com essa metodologia

no primeiro semestre de 2013, quando o projeto iniciara sua primeira etapa. Portanto, havia um fazer e um conhecimento acumulado que foi posto em prática. Mesmo os estudantes que não havia participado das oficinas anteriormente tiveram a oportunidade de colocar em prática e em ação suas experiências com as linguagens demandadas nas oficinas e que trouxeram de outros espaços, os quais nem sempre foram às escolas. Nas oficinas todos/as tiveram a oportunidade de discutir, aprofundar e construir conhecimentos vistos nas aulas de História da África sobre história e cultura afro-brasileira e africana e aplica-los nas oficinas junto aos estudantes das escolas da educação básica, e, sobretudo, vivenciar a educação das relações étnico-raciais e superar a compreensão de que tais conteúdos são pertinentes apenas às pessoas negras.

As oficinas nas escolas ocorreram quinzenalmente, todavia, antes de os extensionistas irem às escolas desenvolverem as oficinas, todos se encontravam na universidade para prepara-la, discutir a metodologia, e o conteúdo a ser trabalhado nas oficinas com os estudantes da educação básica. Deste modo toda semana o grupo se encontrava seja na universidade ou nas escolas para por em prática o projeto de extensão.

As oficinas foram desenvolvidas pelos estudantes do Curso de História em dois momentos; primeiro entre eles e depois com os estudantes da escola de educação básica. Todas as ações extensionistas foram coordenadas pelos próprios estudantes a partir de suas potencialidades e saberes. O uso dessa metodologia possibilitou que experimentassem a autonomia, capacidade de criação, coordenação de grupo, liderança, interação, pesquisa, solidariedade e sociabilidade.

A oficina de música executada pelos estudantes do Curso de História perspectivou capacitá-los a na prática junto aos colegas de curso e depois com os estudantes da Escola Normal Estadual Oswaldo Trigueiro de Albuquerque Mello na cidade de Alagoa Grande e com estudantes das escolas públicas municipais de Guarabira, a trabalhar com os conteúdos de história e cultura afro-brasileira.

As oficinas de música foram desenvolvidas num respeito mútuo da comunidade universitária para com a comunidade escolar, uma vez que o seu propósito não fora o de impor aos (as) professores (as) e estudantes da educação básica uma ação pedagógica, pronta e acabada. Mas levá-los a refletir, sobre as práticas e manifestações culturais das pessoas negras, de modo crítico e se colocassem na condição de sujeito responsável pela construção da educação para a igualdade racial. Deste modo aprendessem a respeitar as diferenças étnicas e de gênero dos sujeitos que compõem a escola e valorizassem suas expressões culturais. Todavia, o desafio maior foi oportunizar (aos) professores (as) a tornar a escola espaço inclusivo, coletivo e integrado.

O projeto de extensão da UEPB se dispôs a levar aos estudantes do curso de História o convite para que eles se descobrissem e reconhecessem pertencentes à cultura afro-brasileira; cultura historicamente sufocada pelo preconceito, e possibilitá-los oportunidades de aprender, principalmente com os conhecimentos pertinentes as populações negras.

Trata-se de contextos que eles desconhecem, no entanto, necessitam para que assim formulem conceitos “verdadeiros” e não difundam noções errôneas das populações negras e suas práticas culturais. As experiências vivenciadas no projeto possibilitaram trocas de informações constantes com a finalidade de que os extensionistas superassem os estereótipos criados com relação aos afro-brasileiros.

O preconceito racial é uma realidade intrínseca a sociedade brasileira, no entanto, isso não quer dizer que não possa ser enfrentado e no futuro superado. Para tanto, se faz necessário que a universidade espaço de formação de professor desenvolva ações constantes e permanentes de modo a capacitá-lo a lidar com tal problema, visto que

superar o racismo não é uma questão única e exclusiva das pessoas negras, mas se constitui uma responsabilidade e dever de todo cidadão brasileiro.

Através do projeto de extensão a Universidade Estadual da Paraíba dialogou com a sociedade brasileira e a potencializou a enfrentar o racismo, à medida que possibilitou aos extensionistas e aos estudantes da educação básica acesso ao conhecimento, assim assegurou-lhes oportunidades de vivenciar experiências de enfrentamento do preconceito racial; problema que relega um grande contingente da população brasileira a exclusão.

Logo, enfrenta-lo não é uma tarefa exclusiva das populações negras, mas de todos os segmentos sociais e instituições educacionais e culturais. Portanto, “a universidade e, em especial, as pró-reitorias de extensão devem *induzir* programas e projetos que visem enfrentar os problemas específicos produzidos pela situação de exclusão.” (Nogueira, 2000: 63 - grifo nosso).

Nesse sentido, as ações de enfrentamento e superação do racismo não começam e nem terminam na universidade e na escola, mas devem ser desenvolvidas por outras instituições sociais, a exemplo dos meios de comunicações, famílias, e igrejas. Por isso, formar o cidadão de modo pleno é relevante, visto que ele atuará em outros espaços diferentes do escolar.

No entanto, as ações desenvolvidas pela universidade e pela escola, cujo propósito fora o enfrentamento e combate do preconceito racial não podem ser pontuais e ocasionais, mas devem ser permanentes, de modo que estudantes, professores (as) e demais profissionais envolvidos com a educação possam adquirir e incorporar outros comportamentos com relação às práticas culturais das pessoas negras no Brasil, e assim incluí-las juntamente com os sujeitos praticantes no cotidiano da escola e da sociedade.

Desse modo as oficinas desenvolvidas com os estudantes que integram esse projeto teve o propósito de lhes possibilitar mudanças de comportamento e aquisição de outro olhar acerca da história e cultura afro-brasileira, mais também de novas linguagens e metodologias de ensino. Não se trata apenas de acumular conhecimento, mas de colocar tal conhecimento em prática, ou seja, aplica-lo a vida, de modo que seja um professor (a) não preconceituoso (a) mais capaz de trabalhar tal temática na sala de aula.

Com relação aos (as) professores (as) e estudantes da educação básica esperamos eles possam dar continuidade aos conteúdos que aprenderam durante a extensão e assim esperamos continuem no processo de aproximação da cultura afro-brasileira e colaborem com a superação do preconceito racial.

A vida cotidiana com uma nova visão e interpretação do que é a história e a cultura afro-brasileira possibilitou que os estudantes ao se formarem e ingressarem na sala de aula como Professor de História tenham elementos para saber trabalhar com as diferenças étnicas que encontrarão na sala de aula, sobretudo, com os conflitos raciais.

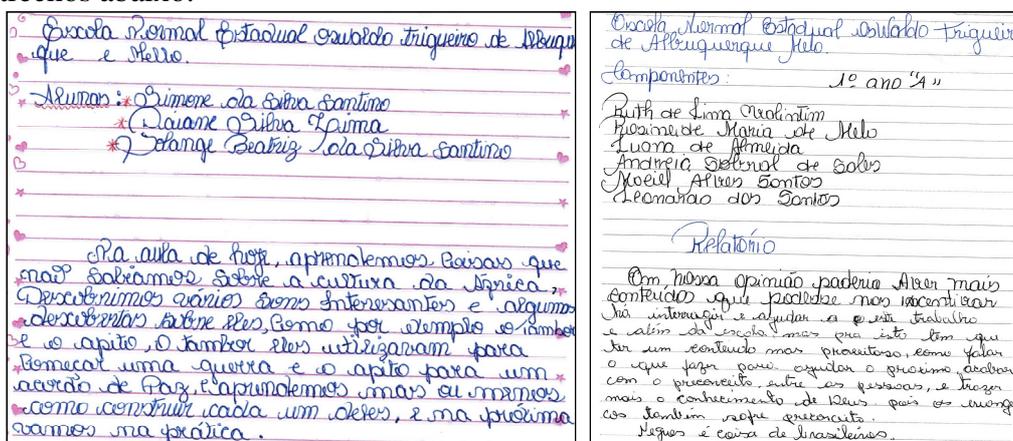
Acreditamos os estudantes saberão agir de modo positivo a não permitir que o preconceito se reproduza na sala de aula e na sociedade. Mas saibam agir, sobretudo, como seres humanos, profissionalmente e pedagogicamente de modo correto quando por ventura o preconceito se manifestar ou não na escola.

Sementes foram lançadas, o solo é fértil?

Podemos apontar algumas contribuições do Projeto Coisas de negros/as, Coisas de brasileiros/as à comunidade escolar envolvida, sobretudo, aos estudantes da Escola Normal Estadual Oswaldo Trigueiro de Melo, em Alagoa Grande visto terem tido a oportunidade de compartilhar o conhecimento construído. Através das atividades

desenvolvidas nessa escola constatamos isto. Ao longo das etapas do projeto os extensionistas demonstraram autonomia na elaboração e construção dos conteúdos, bem como na execução das atividades. Este é um aspecto a ser destacado, assim como a mudança de comportamento, ou seja, de postura política com relação aos aspectos pertinentes a história e cultura afro-brasileira e africana.

A mudança de comportamento dos estudantes aponta para o enfrentamento ao preconceito racial, na perspectiva da superação; uma evidencia de que quando docentes saberão lidar com a questão racial na sala de aula. Ou seja, eles demonstraram que serão capazes de atuar de modo a formar outros sujeitos capacitados a enfrentar e superar o preconceito racial ainda inerente à sociedade brasileira. Assim como os estudantes da universidade, os da escola normal também demonstraram mudança de comportamento com relação a enfrentar o preconceito racial, à medida que eles/as reconhece a importância das atividades desenvolvidas pela equipe do projeto, conforme evidenciado nos trechos abaixo:



Desta feita, podemos afirmar que quanto aos estudantes da escola normal os resultados são positivos. Nesse sentido, destacamos a participação e interação destes nas oficinas de música que foram realizadas pelos estudantes extensionistas. Os estudantes desta escola se identificaram com a temática que fora trabalhada, sobretudo, porque a estratégia utilizada pelos extensionistas foi partir deles para nós, levando-os a perceberem o quanto a cultura afro-brasileira e africana está presente na vida cotidiana deles (as), o conhecimento sobre elas vislumbra outro comportamento:

Com relação aos (as) professores (as) e direção da escola normal estes no dia da apresentação do projeto foram receptivos e acolhedores (as), mas no dia a dia da execução do projeto nem sempre participaram ativamente. Com exceção de quatro professoras, os demais não participaram ou se envolveram, e quando chegávamos para a execução das atividades, eles (as) iam embora, ou seja, tinham sempre uma desculpa de um problema para resolver e se evadiam da escola. Todavia, o discurso era o de que história e cultura afro-brasileira e africana são conteúdos relevantes na escola, e por isso, já estão implementados ou irão trabalhar-los com os estudantes.

A impressão era a de que a maioria dos (as) professores (as) queria apenas nos dar uma satisfação, quando não assumia a proposta do projeto. Para esse tipo de comportamento formulamos as seguintes hipóteses: a) o fato de o projeto vir de fora da escola, ou seja, vir da universidade; b) professores (as) não abrem mão de sua postura profissional e não admitiam participar de uma atividade coordenada por estudantes universitários. Logo, na compreensão deles (as) o projeto tem que ser executado pelos estudantes universitários, visto que estão em processo de formação e aprendizagem; c) Professores (as) dão pouca ou nenhuma importância aos conteúdos de história e cultura afro-brasileira e africana, visto estes conteúdos mexerem com questões que eles se omitem a enfrentar, a exemplo do preconceito, sobretudo, as religiões afro-brasileiras. Uma vez que percebemos entre eles (as) uma tendência a associar história e cultura afro-brasileira unicamente às religiões de matriz africana.

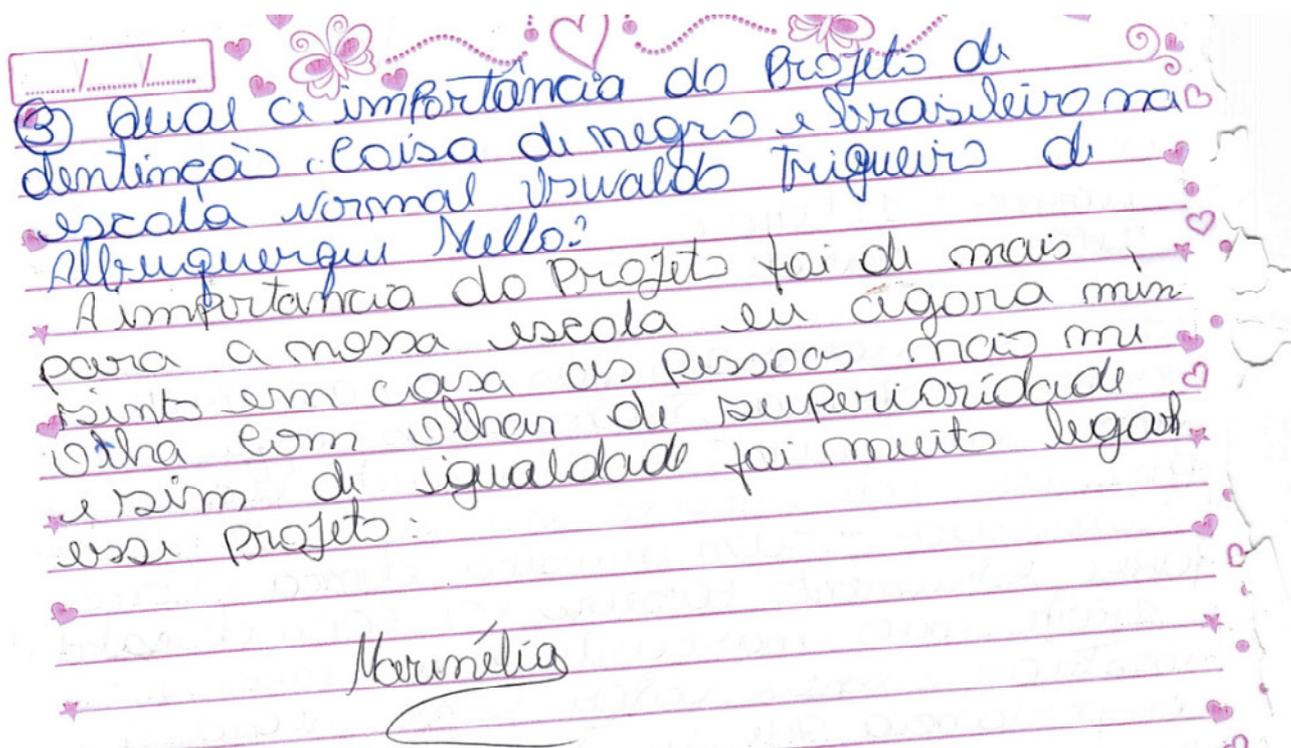
A diretora da escola, apesar de ter aceitado o projeto, não abraçou a causa, o que foi perceptível desde o dia da apresentação, quando afirmou: achar desnecessário que no Brasil ainda se discuta sobre preconceito racial, e porque tratar de história e cultura afro-brasileira se todos somos iguais. Ainda questionou se existe preconceito racial no Brasil. Nesse instante disse ser negra, mas que nunca fora vítima de preconceito racial. Respondemos que o fato de ela nunca ter sido vítima de preconceito racial não quer dizer que este não exista. Outra questão é o fato de que ela deve ter sofrido preconceito racial, e no, entanto, ter sublimado.

Conforme podemos perceber através dos relatórios e do vídeo produzido, os resultados por parte dos estudantes são satisfatórios, visto que abraçaram o projeto e participaram ativamente, mas quanto aos professores (as) estes necessitam avançar, ou seja, mudar suas posturas quanto à história e cultura afro-brasileira e se envolver diretamente com a execução desses conteúdos no currículo escolar. Mesmo aqueles (as) professores (as) que participaram do projeto e consideram a questão relevante ainda tiveram dificuldade em assumir sua identidade étnico-racial. A relação deles com a temática cultura afro-brasileira ainda é incipiente, apesar de considerarem-na importante.

No entanto, isso não quer dizer que no cotidiano da sala de aula trabalhem conteúdos correspondentes e relacionados à história e cultura afro-brasileira e que os remeta a realidade dos estudantes da escola normal. Eles reconhecem as pessoas negras no Brasil como detentoras de uma história e cultura e que pode ser o conteúdo das aulas de história, geografia, língua portuguesa, ciências e matemática, mas cotidianamente não trabalham os conteúdos a partir da realidade local e nem de outra. Quando ocorre de os (as) professores (as) trabalharem com a história e cultura afro-brasileira, isso ainda é feito de modo muito pontual, e não tem continuidade. No geral quando tratam os conteúdos de história e cultura afro-brasileira, os concebem de fora para dentro da escola, quando deveria ser de dentro para fora, ou seja, partir da história e cultura existente na cidade e que chega a escola através das práticas e comportamentos dos estudantes. A evidência desse fato está no silêncio dos estudantes negros (as), sobretudo, os da comunidade remanescente quilombola Caiana dos Crioulos. Por se

tratar de uma comunidade remanescente quilombola, a história e a cultura de Caiana dos Crioulos deveriam compor o currículo escolar. Este tem sido discutido, mas de modo ainda pontual e por via de uma professora, o que faz com que os estudantes dessa comunidade quando chegam a escola não se reconheçam na história e cultura que lhes ensinam.

Logo, através do projeto de extensão: “Coisas de negros (as), Coisas de brasileiros (as)”, os estudantes tiveram acesso a história e cultura afro-brasileira e africana, de modo sistematizado, o que lhes possibilitou reconhecer-se e se querer negro (a), conforme relatou uma das normalistas.



Acreditamos que a continuidade das discussões, sobretudo, com a inserção dos conteúdos de história e cultura afro-brasileira e africana no currículo escolar seja um caminho relevante a possibilitar aos (as) professores (as) e estudantes valorizarem a história e cultura negra existente na cidade de Alagoa Grande, visto que lhes pertencem e como cidadãos não podem ignorá-la.

Para os estudantes da UEPB, sobretudo, os do curso de História que fizeram parte do projeto, as discussões sobre história e cultura afro-brasileira e africana, assim como as oficinas desenvolvidas ao longo do período de execução do projeto contribuíram com a formação enquanto professor, visto que no contato com estudantes da educação básica experimentaram não só a aplicação dos conteúdos mais também pôde recorrer às várias metodologias e recursos didáticos, ou seja, passaram a criar e recriar metodologias, a partir da realidade vivenciada e construir outra compreensão do currículo escolar e do fazer do professor em sala de aula. Afora isso, sairão da universidade capazes de construir outra imagem de si e da cultura afro-brasileira e africana.

Referências

AMÂNCIO, Iris Maria da Costa. (Org.) **África-Brasil-África**: matrizes, heranças e diálogos contemporâneos. Belo Horizonte: PUC - Minas; Nandyala, 2008.

ARAÚJO, Joel Zito. **A negação do Brasil**: o negro na telenovela brasileira. São Paulo: Editora Senac, 2004.

BASTIDE, Roger. “Estereótipos de negros através da literatura brasileira”. In: **Estudos Afro-brasileiros**. São Paulo: Perspectiva, 1973.

CHAUÍ, Marilena. **Palestra de abertura da 26ª Reunião Anual da ANPED**, 2003.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. (org.) **Brasil afro-brasileiro**. Belo Horizonte: Autêntica 2006.

FREITAS, Ivana Silva. **A cor da metáfora**: o racismo no livro didático de Língua Portuguesa. João Pessoa: UFPB, 2009. (Dissertação de Mestrado em Letras).

FREYRE, Gilberto. **Casa grande e senzala**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

HERNANDEZ, Leila Maria Gonçalves Leite. **A África na sala de aula**: visita a história contemporânea. São Paulo: Selo Negro/Sumus, 2005.

MATTOS, Regiane Augusto de. **História e cultura afro-brasileira**. São Paulo: Contexto, 2007.

Ministério da Educação. **Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afrobrasileira e Africana**. Brasília: SECAD/MEC, 2009.

NASCIMENTO, Elisa Larkin (org.) **Cultura em movimento**: matrizes africanas e ativismo negro. São Paulo: Selo Negro, 2008.

OLIVEIRA, David Eduardo de. **Cosmovisão africana no Brasil**: elementos para uma filosofia afrodescendente. Curitiba: Gráfica Popular, 2006.

OLIVEIRA, Claudia Hochheim. Qual é o Papel da Extensão Universitária? Algumas Reflexões Acerca da Relação entre Universidade, Políticas Públicas e Sociedade. In: **Anais do 2º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária**. Belo Horizonte – 12 a 15 de setembro de 2004.

OLIVEIRA, Claudia Hochheim. Qual é o Papel da Extensão Universitária? Algumas Reflexões Acerca da Relação entre Universidade, Políticas Públicas e Sociedade. In: **Anais do 2º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária**. Belo Horizonte – 12 a 15 de setembro de 2004.

RIBEIRO, Renilson Rosa. (org.) **O negro em Folhas brancas**. Campinas: Unicamp, 2002.

RIBEIRO, Ana Paula Alves e GONÇALVES, Maria Alice Rezende (Orgs.). **História e Cultura Africana e Afro-brasileira na Escola**. Rio de Janeiro: Outras Letras, 2012.

_____. **Diversidade e Sistema de Ensino Brasileiro**. Rio de Janeiro: Outras Letras, 2012.

SERRANO, Carlos & WALDMAN, Mauricio. **Memória d África**: a temática africana em sala de aula. São Paulo: Cortez, 2007.

ZENAIDE, Maria de Nazaré Tavares (Org). **Ética e cidadania nas escolas**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2003.